

A cidade em todas  
as suas formas

## **Conselho Editorial**

Alex Primo – UFRGS  
Álvaro Nunes Laranjeira – UTP  
André Parente – UFRJ  
Carla Rodrigues – PUC-Rio  
Ciro Marcondes Filho – USP  
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS  
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP  
Erick Felinto – UERJ  
Francisco Rüdiger – PUCRS  
Giovana Scareli – UFSJ  
J. Roberto Whitaker Penteadó – ESPM  
João Freire Filho – UFRJ  
Juremir Machado da Silva – PUCRS  
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS  
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP  
Michel Maffesoli – Paris V  
Muniz Sodré – UFRJ  
Philippe Joron – Montpellier III  
Pierre le Quéau – Grenoble  
Renato Janine Ribeiro – USP  
Rose de Melo Rocha – ESPM  
Sandra Mara Corazza – UFRGS  
Sara Viola Rodrigues – UFRGS  
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS  
Vicente Molina Neto – UFRGS

Fabio La Rocca

A cidade em todas  
as suas formas



*Editora Sulina*

Copyright © Fabio La Rocca, 2018  
Copyright © CNRS Éditions, 2013

Capa: Eduardo Miotto  
Tradução: Adriana Anunciação Ramos  
Editoração e projeto gráfico: Niura Fernanda Souza  
Revisão: Simone Ceré  
Revisão técnica: Juremir Machado da Silva  
Editor: Luis Antonio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/g60

---

R671c      Rocca, Fabio La  
                    A cidade em todas as suas formas / Fabio La Rocca; traduzido  
                    por Adriana Anunciação Ramos. -- Porto Alegre: Sulina, 2018.  
                    279 p.

Título original: La Ville dans tous ses états

ISBN: 978-85-205-0816-9

1. Sociologia Urbana. 2. Comunicação Social – Meios. 3. Cida-  
des – Antropologia. 4. Cidades – Demografia. I. Título.

CDD: 301  
CDU: 316.334

---

Todos os direitos desta edição são reservados para:  
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Editora Meridional Ltda.  
Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim  
Cep: 90035-190 – Porto Alegre/RS  
Fone: (0xx51) 3311.4082  
www.editorasulina.com.br  
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Abril/2018

# Sumário

Prefácio	
Pensar com os olhos .....	7
<i>Michel Maffesoli</i>	
Introdução .....	11
CAPÍTULO 1 – Ambiências urbanas.....	17
Por uma climatologia do nosso tempo .....	17
A arquitetura: uma “pele” simbólica .....	29
A “blade runnerização” do território .....	51
Superlugar.....	62
CAPÍTULO 2 – Formas do imaginário urbano.....	77
A cidade como personagem cinematográfico.....	77
Hype City .....	92
Situações urbanas.....	125
CAPÍTULO 3 – A proliferação da imagem no espaço urbano .....	157
A solicitação visual .....	157
Tocar com o olhar: a publicidade .....	177
Grafites: traçar um ritmo visual.....	189
CAPÍTULO 4 – Tecnópolis .....	213
Interconexões midiáticas .....	213
Espacialidades tecnodigitais.....	221
Second City.....	239

Posfácio	
O andar pós-urbano de Fabio La Rocca.....	257
<i>Massimo Di Felice</i>	
Referências .....	261
Filmografia .....	275

## Pensar com os olhos

Pensar com os olhos é um “leitmotiv” que nós encontramos ao longo deste livro: a exploração da cidade “na cidade se define como uma aventura”. E Fabio La Rocca propõe, nessa “Climatologia da cidade pós-moderna”, um conjunto de variações acerca desse belo e conhecido tema. O que não acontece sem que seja evocada a fecundidade do excuro, assim como propõe Simmel! É contra a proposta melódica da temporalidade dialética que a irrupção do emocional se coloca e se impõe. “Blade runnerização”, “Superlugares”, “Hype City”, etc., evocando outra temporalidade: a temporalidade do Kairos, ou seja, da oportunidade, da aventura: sucessão de instantes centrados na intensidade do momento, o júbilo do efêmero, a alegria de viver e de desfrutar o que está presente aqui e agora. Ressurgência, sempre e novamente atual, o eterno “carpe diem”. Mas tal hedonismo popular constituindo a atmosfera do momento chama outra concepção do tempo: o presenteísmo.

Eis o que, no meu ponto de vista, constitui o cerne deste livro que é, ao mesmo tempo, belo, sugestivo e mais atual impossível. O que nos força a admitir que, apesar de nossas reticências intelectuais, em certos momentos, a flecha do tempo possa se curvar, senão em ciclo, ao menos em espiral. Que existem ciclos, eis o que a honestidade intelectual mais elementar nos força a reconhecer. Ciclos históricos, ciclos econômicos, ciclos políticos na esfera pública. Ciclos de afetos, ciclos de sentimentos, ciclos amorosos ou de amizades na esfera privada. Eis as formas mais elementares do “eterno retorno”. É isto que Fabio La Rocca se dedica a desvendar com precisão nas “situações urbanas”, das quais ele dá exemplos judiciosos.

Ao ler as páginas que seguem, eu não podia deixar de pensar em Pascal, lembrando que “o coração tem suas razões que a razão não conhece”. O sociólogo Max Scheler, por sua vez, insistiu sobre a importância do sentimento, do reconhecimento das próprias raízes do estar-junto. Quanto a mim, ao anunciar, há mais de trinta anos, o “Tempo das tribos”, expliquei que estas se fundavam essencialmente no “sentimento de pertencimento”.

É tudo isso, e ainda muitas outras coisas, que a experiência cotidiana (induzida pelo que o autor chama de “proliferação da imagem no espaço urbano”) nos ensina. O que deveria nos estimular a não reduzir o conhecimento somente ao aspecto cognitivo, nos forçar a saber, logo, pensar com os sentidos; uma abordagem sensível que por si só permite entender esses “imperativos categóricos” que estão no cerne do ritmo móvel da cidade. Em resumo, a implantação de uma “razão sensível”. E isso visando entender os tipos essenciais, digo as formas “codificadas” da existência de todos os dias. Existência aparentemente inócua, mas secretamente intensa. O que necessita que também saibamos pensar com os olhos.

Isso foi dito de diversas formas, pelo menos pelas mentes mais aguçadas. É necessário escutar os poetas, testemunhas de uma contemplação ativa, cuja visão pode ser vidência. Poetas que, ao contrário de um antropocentrismo de curto prazo e além do subjetivismo próprio da tradição ocidental, sabem desatar as amarras do sujeito para que possamos, de maneira paradoxal, ter acesso ao que é ao mesmo tempo enraizado e aberto: a vida em seu devir, a imanência ligada a esse mundo, a essa terra amada. Enraizamento dinâmico.

É essa a abordagem que Fabio La Rocca propõe: o reconhecimento explícito de um real que ultrapassa a realidade estática. É a aceitação implícita do que alguns (de Max Weber a Gilbert Durand) analisaram bem, a saber: que se deve levar o irreal a sério, se quisermos apreender o real com precisão. É essa a força do imaginário, ou tão simplesmente da imaginação. Em certos momentos essa força “corporizada” forma corpo.



As múltiplas “possessões” musicais, religiosas, políticas são testemunhas disso: é a força do desejo coletivo que consola a criação dessas comunidades ou tribos onde o racional dá lugar ao emocional.

Eis a pertinência e a atualidade do que o autor chama de “ambiências urbanas”. Para compreendermos o sentimento de pertencimento que ocorre no irreal/real, nós não podemos nos basear em nossos conceitos habituais do “Contrato Social”, tornados fundamentos no século XVIII. É necessário, essencialmente, e às vezes sob risco, encontrar metáforas, transportar imagens, fazer uso de palavras, novas e antigas, que sejam pertinentes aos tempos atuais. Isso para chamar a atenção para a passagem do contrato racional ao pacto emocional! A “solicitação visual”, o fato de “tocar com o olhar”, até mesmo os “grafites” são a esse respeito alavancas metodológicas de importância crucial. É exatamente isso que faz deste livro uma obra de criação que permite o esclarecimento dos tempos atuais; essa pós-modernidade que somente alguns “minus habens” continuam a negar. Esta é particularmente bem descrita no capítulo final: “Tecnópolis”. Nós podemos interpretar isso de forma metafórica e enxergar em muitas práticas juvenis exacerbadas, às vezes violentas, sempre efervescentes, a expressão de uma nova “circum-navegação”, de uma nova errância em busca de um mundo novo. Efervescências que, como mostra Stéphane Hugon (*Circumnavigation. L'imaginaire du voyage dans l'expérience internet*, 2010), encontram a ajuda do desenvolvimento tecnológico. O que é certo é que, além, aquém e fora dos poderes estabelecidos, fora das instituições da sociedade oficial, é uma nova soberania que se afirma, chamada por Fabio La Rocca de “Second City”!

Nesse sentido podemos dizer que as “interconexões midiáticas”, as “espacialidades tecnodigitais” são as “formas” realizadas da pós-modernidade. De fato, assim como segundo o Princípio de incerteza, no infinitamente pequeno, o espaço-tempo é flutuante, nesse “quase nada” que é a vida cotidiana, a estrutura do real deve ser considerada como intrinsecamente instável. As certezas modernas não servem mais para grandes

coisas; elas são só feitiços que buscam proteger aqueles que os proferem. Há coisas melhores a fazer. É a isso que se dedica este livro.

A “filmografia” que Fabio La Rocca dá é consistente, pertinente, e mostra bem como o olho, o olhar é uma verdadeira ferramenta metodológica. Quanto a mim, me contentando com uma obra que eu conheço, eu diria que as reviravoltas dos protagonistas do filme “Avatar” são, em relação a isso, instrutivas e mostram bem que, contra a sofisticação de uma técnica invasora e devastadora, a sensualidade animal ainda não está vencida. Na epopeia de James Cameron, o triunfo da tribo primitiva está longe de deixar a vasta audiência insensível, audiência que não se satisfaz mais com um mundo unidimensional onde a razão pura dominaria.

É exatamente essa conjunção entre a técnica e os sentidos que é testemunha de uma tendência que está somente começando: o retorno à nossa natureza animal, que, de acordo com Nietzsche, é um reservatório de onde nós podemos tirar uma energia um tanto disforme e que dá, no entanto, forma a uma cultura digna desse nome. Não é isso que, em filigrana, lemos na “climatologia da cidade pós-moderna”?

Michel Maffesoli

Membro do Instituto Universitário da França